

Memória do Samba Paulista

HOMENAGEADOS

Seu Dadinho
Camisa Verde e Branco



Dona Generosa
Samba da Laje



Dona Duda Ribeiro
Embaixatriz do Samba de São Paulo



**Seu Carlão
do Peruche**



Tia Cida
Madrinha do Samba de São Mateus



Esta é uma publicação do mandato da deputada estadual Leci Brandão - Pcdob

Chefia de Gabinete: Roberto Almeida

Jornalista Responsável: Carla Nascimento - MTB 064/AM

Redação: Carina Gomes - MTB: 74039/SP

Fotografia: Roger Cipó / Olhar de Um Cipó

Projeto gráfico: Andocides Bezerra (MOVIMENTO)

Agradecimentos especiais: Eloisa de Souza / Monica Gomes / Marquinhos Jaca

São Paulo, dezembro de 2015

Fale com o gabinete:

Telefone: (11) 3886-6790

Endereço: Av. Pedro Álvares Cabral, 201, 3º andar, salas 3021 a 3024
Ibirapuera - São Paulo - SP - CEP 04097-900

E-mail: lecibrandao@al.sp.gov.br / deputadalecibrandao@gmail.com

Site: deputadalecibrandao.com.br

Acompanhe o mandato:

Facebook: [/deputadalecibrandao](https://www.facebook.com/deputadalecibrandao)

Twitter: [/lecibrandao](https://twitter.com/lecibrandao)

Instagram: [@lecibrandao](https://www.instagram.com/lecibrandao)

YouTube: [/Deputada Leci Brandão](https://www.youtube.com/DeputadaLeciBrandao)

APRESENTAÇÃO

Um gigante da música brasileira. É assim que vejo Nelson Sargento, autor de “Agoniza, mas não morre”. Tenho a grande honra de dizer que foi sob seu olhar atento e sensibilidade apurada que me tornei a primeira mulher a entrar para a ala de compositores da Estação Primeira de Mangueira. Por isso, além de admirar o grande compositor, também louvo sua capacidade de acreditar no novo, que ele expressa em suas músicas.

Sempre que ouço esses versos não penso em tristeza ou nostalgia por um samba que não existe mais. Ao contrário. Pra mim, essa obra-prima fala de esperança, de renovar a crença no que virá. Ela nos convida a apostar no novo como alimento da raiz.

Neste Dia Nacional do Samba, homenageamos cinco personalidades que são exemplos de amor e dedicação ao samba, à cultura brasileira. Homens e mulheres que estão aí sustentando o novo, mas também aprendendo com as novas gerações: Dona Duda Ribeiro, Dona Generosa, Seu Carlão, Seu Dadinho e Tia Cida.

Os novos sambistas têm como exemplo esses homens e mulheres que jamais deixarão a essência do samba morrer e, mais do que isso, estão sempre lutando para que ele tenha o devido reconhecimento e respeito por parte das instituições e da sociedade.

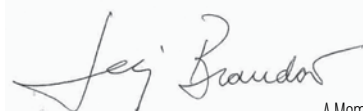
“Samba,
Agoniza mas não morre,
Alguém sempre te socorre,
Antes do suspiro derradeiro.
Samba,
Negro, forte, destemido,
Foi duramente perseguido,
Na esquina, no botequim, no terreiro.”

(Nelson Sargento)

Na Assembleia Legislativa, o samba e os sambistas têm encontrado em nosso mandato todo o apoio para que o olhar do poder público esteja cada vez mais focado no samba, que não é apenas um gênero musical, mas uma cultura, um modo de ser e de existir no mundo.

A aprovação da lei 15148/ 2013, que instituiu o Dia das Tias Baianas Paulistas, e da lei 15.690/ 2015, que declara o Samba como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado de São Paulo, são exemplos desse empenho. O lançamento de duas edições do Circuito de Comunidades de Samba de São Paulo, além da realização de audiências públicas e da promoção de diálogos estabelecidos com vários órgãos públicos em prol do samba e das comunidades, também são algumas das ações realizadas por nosso mandato.

Sim, o grande Sargento tem toda a razão. O samba às vezes parece agonizar, mas sempre resiste, pois sabe dialogar com o novo; sabe que é criação coletiva.





KURUMBANDÊ BERERÊ-BERERÊ SALVE, DONA DUDA RIBEIRO

O nome foi uma homenagem do pai à famosa personagem Dulcinea, amada do cavaleiro andante Dom Quixote, do famoso romance de Miguel de Cervantes. Mas há muito tempo que Dulcinéa Ribeiro é conhecida por todos como Dona Duda Ribeiro.

Nascida no bairro da Lapa, no Rio de Janeiro, mas criada na Lapa paulistana, Dona Duda veio para a terra da garoa ainda bebê. Filha de dona Anita e de seu Claudio Ribeiro, o samba sempre fez parte de sua vida. “Minha mãe foi uma pastora e meu pai fazia parte das rodas de compositores... Se falasse Claudio Bengalina, da Barra Funda, todo mundo já sabia quem era”, conta, com orgulho.

A menina que ouvia a mãe cantando Dolores Duran e o pai tocando as músicas de Dorival Caymmi, Noel Rosa e Pixinguinha fez sua primeira participação em um programa de rádio aos seis anos de idade, cantando música de Lupicínio Rodrigues.

Apesar de saber desde muito cedo que seu caminho na vida seria percorrido atra-

vés da música, Dona Duda também sempre fez ações voltadas para a comunidade. “Eu sempre me envolvi nessas coisas com muita tristeza e alegria, ao mesmo tempo. Porque a maior tristeza é quando você não consegue ser objetiva e não tem apoio.” E assim ela vem unindo a música ao trabalho social.

Diretora de alas de escolas de samba, diretora de shows e diretora de comunicação, Dona Duda é a cara da versatilidade, mas sua paixão mesmo é dividida entre a sala de aula e o palco. Professora de Educação Musical, Dona Duda completa, em 2015, 40 anos de carreira artística. Sobre a vida nos palcos ela diz que o importante é ver a música ser um bálsamo na vida das pessoas. “Eu canto porque gosto. Eu canto porque o canto é aquilo que embala a alma”, poetiza.

Dona Duda conheceu o carnaval e o universo das escolas de samba através de Geraldo Filme, que a chamava de Diamante Negro e a levou para a Vai-Vai. Anos depois, trocou a Vai-Vai pela Camisa Verde. Apesar disso, faz questão de registrar: “Eu jamais vou esquecer onde foi meu primeiro berço do carnaval. Foi dentro da Vai-Vai, onde até hoje eu tenho grandes amigos. Sou muito grata por essa passagem maravilhosa que eu tive dentro da Vai-Vai, no Bixiga”, afirma.

Sobre racismo e preconceito no samba e na vida, Dona Duda é categórica. “Ainda tem muito a acontecer. Eu faço parte dessa resistência... Consciência negra para mim é um momento de reflexão de todos os povos. Inclusive do meu, do povo negro, que tem que pensar e agir muito mais.”





A GENEROSIDADE DO SAMBA

Dizem que cozinhar é uma forma de amar, é um gesto de generosidade. Não poderia haver melhor definição que esta para expressar o que a paulistana Maria Generosa da Silva sente ao falar da comunidade de samba que fundou na Vila Santa Catarina, na zona sul de São Paulo, em julho de 1997.

“Eu adorava cozinhar. Então, qualquer festinha que tinha pediam para eu fazer almoço aqui na laje. Aí ficou assim. Fui fazendo feijoada e todo samba eu fazia uma feijoada”, conta Dona Generosa sobre a origem da comunidade do Samba da Laje.

Era para ser uma festa familiar das irmãs Silva, mas a festa foi crescendo e muita gente foi chegando e o Samba da Laje hoje atrai gente de todos os cantos da cidade de São Paulo. No início ocorria no último domingo de cada mês, agora ocorre no segundo domingo, na qual são homenageados grandes compositores do samba de raiz de primeira qualidade.

A Comunidade é uma das mais animadas e engajadas rodas de samba de São Paulo. A entrada é gratuita, mas quem quiser, pode levar 1 kg de alimento não perecível para ser doado à entidades carentes.

Apesar das dificuldades, quando fala sobre o samba, Dona Generosa é pura emoção. “O samba é tudo. O samba é minha vida.”

Apesar das dificuldades, quando fala sobre o samba, Dona Generosa não consegue segurar as lágrimas.

“O samba é tudo. O samba é minha vida.”

Dona Generosa e a irmã, Lourdes





SEU CARLÃO, O CARDEAL DO SAMBA

Carlos Alberto Caetano nasceu no dia 11 de setembro de 1930, na rua Pirineus, 76, entre a Santa Cecília, os Campos Elíseos e a Barra Funda, redutos do velho samba da paulicéia. Mas seu DNA de samba é da Lavapés, a mais antiga escola de samba paulistana ainda em funcionamento.

Criada na Baixada do Glicério em 1937, a escola ainda participa do carnaval paulistano, desfilando pelo grupo III. Foi lá que Seu Carlão tomou verdadeiro gosto pelo samba, liderou sambistas ainda adolescente e de onde saiu, em 1955, para formar sua própria agremiação, a Escola de Samba Unidos do Peruche, fundada em 1956, no bairro da Casa Verde.

Criança ainda, ia às festas de romaria em Pirapora do Bom Jesus. A roda integrava as diferenças numa só batida, resultando no que foi chamado também de samba de bumbo ou samba rural paulista. A festa foi enredo da Peruche, em 1971, com samba de Geraldo Filme. A primeira escola pela qual Carlão desfilou foi a Flor do Bosque, do Bosque da Saúde. Depois, a Lavapés, em seguida o Peruche, que logo no primeiro ano ganhou o desfile do terceiro grupo (3ª categoria). Passou dois anos no segundo grupo e em 1959 a agremiação chegou ao

grupo principal, onde foi campeã pela primeira vez em 1961.

Seu Carlão é considerado um dos cardeais do samba de São Paulo, tendo participado do processo de oficialização do carnaval de rua, em 1968. Participou da fundação da Associação das Escolas de Samba, no final dos anos 60, e de sua sucessora, a União das Escolas de Samba Paulistas, em 1973.

Nos anos 80, Seu Carlão se afastou das obrigações burocráticas e passou a cumprir funções protocolares da agremiação. Foi eleito Cidadão Samba, em 2000, foi condecorado Embaixador Mestre do Samba de São Paulo e eleito presidente do Conselho Diretor da Associação Independente Cultural da Velha Guarda do Samba do Estado de São Paulo. Hoje, comanda a Velha Guarda da escola, uma criação sua para abrigar os sambistas da antiga que ainda querem desfilar no sambódromo.

Além de ser um personagem importante da história do samba paulista, Seu Carlão é um exímio contador de histórias. Como um grão, ele carrega consigo a sabedoria de quem muito viveu e aprendeu com os mais velhos. Seu Carlão não só fundou a Peruche como militou e milita pela tradição do samba paulista. Atualmente sua luta é para criar um espaço para a Velha Guarda do Samba no Sambódromo de São Paulo.

Fonte: Veja e UOL





SEU DADINHO SAMBA É RESISTÊNCIA

“O samba é resistência da cultura o samba me ensinou a ser feliz o samba que acelera o coração de um bamba só cultura de uma raiz...”

É com esses versos que Eduardo Joaquim, o seu Dadinho, define o lugar que o samba ocupa em sua vida. “Começou quando eu entrei em escola de samba. A minha família sempre gostou. Mas eu não frequentava, era só no carnaval. Meu pai levava e aí caímos dentro do samba.”

Sobre a escola do coração, a Camisa Verde e Branco, da qual já foi vice-presidente, seu Dadinho diz que ainda “era garoto quando começou a frequentar. Eu conheci todos os fundadores, desde o primeiro presidente, que foi o senhor Inocêncio Tobias, até as diretorias de hoje”.

Sobre a vida no samba e, especificamente, nas escolas de samba, seu Dadinho diz que só contabiliza vitórias. Sobre os tropeços no meio do caminho ele garante que tudo é superado pelo prazer que o samba proporciona. “A gente gosta das coisas, a gente faz com carinho, faz com amor, então, não tive frustrações, não”

Conversar com seu Dadinho é fazer um

passeio pela memória do samba. Nomes como os de Inocêncio Tobias, Luis Barbosa, Geraldo Filme, Seu Nenê, Sinval, Pé Rachado, Seu Carlão e Pato N'Água são recorrentes quando seu Dadinho narra suas memórias. “São pessoas que a gente teve o prazer de conviver... Eu sempre tive muito aprendizado com todo esse povo aí que eu acabei de citar, porque eles foram os fundadores de tudo o que tá acontecendo no carnaval de São Paulo. Eles foram os precursores”, afirma.

Apesar de reviver o passado com alegria, seu Dadinho não esconde a preocupação que tem com o que vê no Carnaval, atualmente. “Às vezes, eu fico pensando assim: será que valeu a pena? Porque a essência do carnaval, na minha humilde opinião, está sendo cada vez mais degradada. O que tinha era uma brincadeira mais legal. Não tinha esse negócio esquisito, essas coisas todas que a gente tá vendo agora. Eu acho que está acabando com a essência do carnaval. Virou muito comércio”.

E o samba seu Dadinho? “O samba é resistência. O samba já foi marginalizado, mas persiste até hoje. Todo mundo tem que passar pelo samba porque ele é uma resistência cultural mesmo!”



Seu Dadinho com Dona Vera, esposa e sambista





TIA CIDA, MADRINHA DO SAMBA DE SÃO MATEUS

Maria Aparecida da Silva Trajano praticamente nasceu na quadra da escola de samba Vai-Vai, na Bela Vista. Esse fato já enunciava que a vida de Tia Cida, como é carinhosamente conhecida, seria dedicada ao samba. Filha de empregada doméstica, foi criada na casa do patrão de sua mãe até os quatro anos de idade. Aos nove anos foi morar com a mãe no bairro de São Mateus, onde vive até hoje. É no seu quintal que fica o berço do samba de São Mateus e foi lá que Gilvan, Marcelo e Carmen aprenderam a compartilhar o amor da mãe com os inúmeros filhos que o samba trouxe para Tia Cida.

O ativismo político e social sempre esteve presente na vida de Tia Cida, assim como o samba. Em São Mateus ela liderou as mulheres em movimentos sociais por mais educação, creche e saúde na região. Ela se diverte ao dizer que nem sabia o que significava ativismo antes de entrar na faculdade de Serviço Social. Durante a ditadura militar, ela sempre arrumava um jeito

de falar sobre o que estava acontecendo no país. “A gente arrumava um jeitinho pra conscientizar o pessoal. Pelo menos aqueles que eram menos alienados”, revela.

E o que é o samba pra senhora, Tia Cida? “É caminhar para vida, o fator de existência. O samba é o nosso coração, a nossa alma, a nossa vida. Não tem nada que venha de fora que vá derrubar. O samba é uma alma que caminha. E caminha viva sempre. Tem uma história muito forte...Ele pode até agonizar, mas não morre. O pessoal faz uma roda, a primeira batida é do surto, a segunda é do pandeiro. Dá pro samba morrer?”

Não, Tia Cida, não dá!



Tia Cida com seu filho Marcelo



Equipe do Mandato da Deputada Leci Brandão

Damaze Lima
Denis Nogueira
Donizete Freitas
Liége Pereira
Eliza Amalia
Evandro Neres
Bel Galvão
Jorginho Saracura
Juliano de Souza
Luiz Peixoto
Manoel Júlio
Marcelo Freitas
Marcia Cabral
Marcivan Menezes
Paulo Henrique Ambrósio
Ricardo Yamasaki
Roberto Almeida
Rozina C. Jesus
Silvia Ariza
Vinicius Riça
Vagner Santos

deputada
estadual **LECI**  **PCdoB**
BRANDÃO

**Esta é uma publicação do mandato da deputada estadual
Leci Brandão (PCdoB-SP)**

Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo

■ Av. Pedro Álvares Cabral, 201

3º andar - salas 3021/ 3024, Ibirapuera, São Paulo - SP

■ Telefone: (11) 3886-6790

■ Email: lecibrandao@al.sp.gov.br

■ www.deputadalecibrandao.com.br